

A representação infantil nas esculturas do cemitério de Santo Antônio/ES: uma análise iconográfica e memorial

The representation of children in the sculptures of the Santo Antônio/ES cemetery: an iconographic and memorial analysis

Isis Santana Rodrigues¹
(UFES/LEENA)

Aparecido José Cirillo²
(PPGA/LEENA-UFES/FAPES)

Resumo: Esta pesquisa é um resultado de um levantamento e análise do cemitério de Santo Antônio, ES, a partir da representação infantil na arte cemiterial. A análise foi composta por um estudo dos elementos fotográficos e escultóricos, evidenciando o papel da arte cemiterial na cultura capixaba, e sua correlação com diferentes povos e tradições ao redor do mundo, nos fazendo refletir sobre os valores e tradições de uma determinada sociedade.

Palavras-chave: arte cemiterial. representação infantil. esculturas.

Abstract: This research is a result of a survey and analysis of the Santo Antônio cemetery, ES, based on the representation of children in cemetery art. The analysis will consist of a study of photographic and sculptural elements, highlighting the role of cemetery art in Espírito Santo culture, and its correlation with different peoples and traditions around the world, making us reflect on the values and traditions of a given society.

Keywords: cemetery art. children's representation. sculptures.

DOI: 10.47456/col.v14i24.46466



O conteúdo desta obra está licenciado sob uma licença Creative Commons Atribución-NoComercial-CompartirIgual 4.0.

¹ Pesquisadora ativa do laboratório LEENA com ênfase nos estudos da Arte Cemiterial do Estado do Espírito Santo, ES. Mestre em Teoria e História da Arte pela Universidade Federal do Espírito Santo (2021). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6830513121069276>. ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-5395-6199>.

² Pesquisador e artista plástico vinculado ao grupo de pesquisa LEENA. Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2004). Possui experiência na área de Artes, com ênfase em processos criativos, Teorias e História da Arte. Desenvolve pesquisas sobre a Arte Pública no estado do Espírito Santo com apoio da FAPES e do CNPQ. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6864-3553>.

Introdução

Este artigo pretende apresentar a pesquisa realizada no cemitério de Santo Antônio, sobre o levantamento e análise iconográfica dos monumentos tumulares infantis, com imagens de crianças ou anjos em tenra idade, erguidos a partir do século XX. A análise é composta através dos elementos escultóricos, considerando significado, espacialidade, materialidade e o objeto presente no espaço cultural cemiterial. Tal pesquisa visa compreender os modos como a arte pública se manifesta nos espaços coletivos de enterramentos da memória na infância.

Portanto, este artigo é o resultado de uma pesquisa exploratória junto ao laboratório LEENA,³ que tem consolidado o resgate da memória cemiterial capixaba e a união do acervo de imagens técnicas e bibliográficas, feitas através de registros fotográficos e formulários com metodologia SICg⁴ do IPHAN⁵. Assim, limitamos a pesquisa ao primeiro nível do cemitério de Santo Antônio, que possui seis níveis, cada um localizado em um platô próprio.

Acessível a todos, “a Arte Pública procura enriquecer a comunidade, conferindo um significado particular ao domínio público” (UNESCO, 2011, p. 1). Esta pesquisa se fundamentou nas considerações teóricas sobre arte pública e, certamente, nas investigações sobre arte cemiterial no Brasil, com o objetivo de documentar a história da arte funerária capixaba a partir de seu principal cemitério. Como destaca Ariès (1981, p. 17), até aproximadamente o século XII, a arte medieval desconsiderava a infância ou não se esforçava em retratá-la. A partir de então, percebe-se a evolução da memória infantil no Brasil e no mundo, através dos ritos funerários e produções monumentais. Assim, “os grandes cemitérios monumentais eram, e ainda são em algumas sociedades, espaços de relações de afeto com a memória do morto e com a própria história da sociedade” (Rodrigues, 2021, p. 14).

³ Laboratório de Extensão e Pesquisa em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo.

⁴ Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão.

⁵ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Representações escultóricas infantis e ritos fúnebres: o cemitério de Santo Antônio em perspectiva

O cemitério de Santo Antônio é um lugar de memória e com um vasto acervo de esculturas infantis. Na Figura 1, foi registrado a presença de crianças (5) e anjos crianças (9), totalizando 14 monumentos.

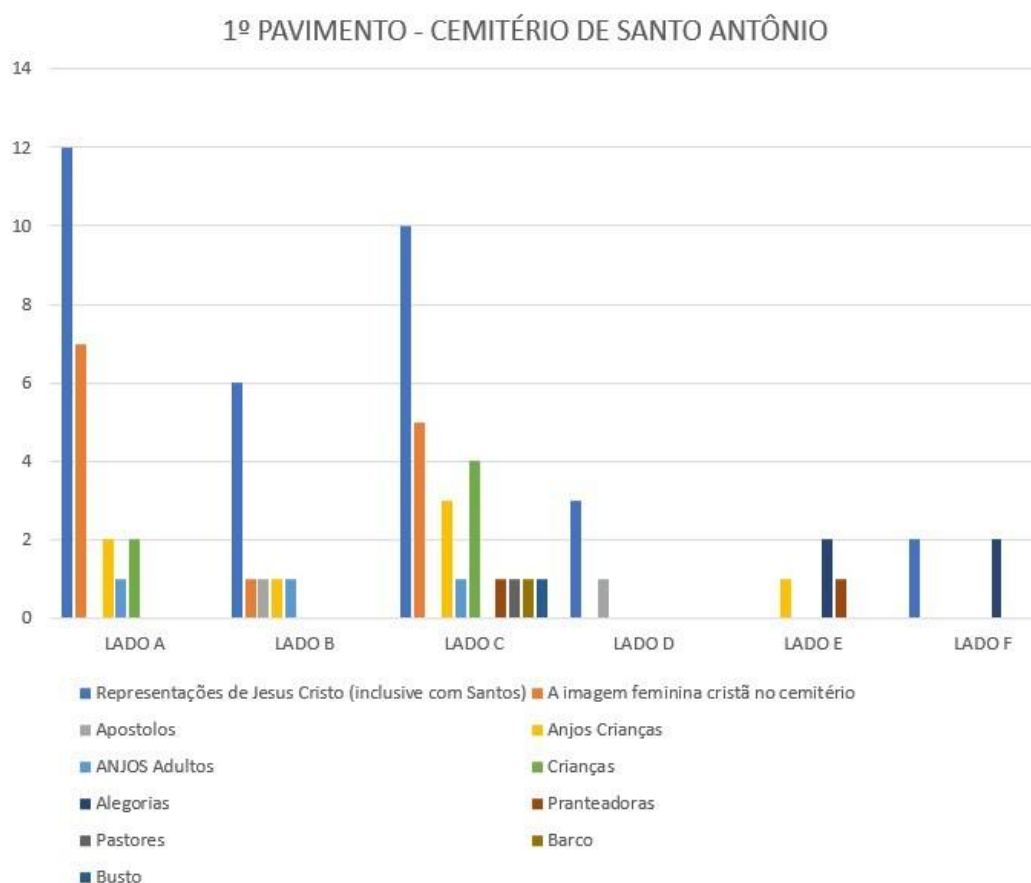


Figura 1. Imagem dos autores. Gráfico relacionando a quantidade de esculturas e de suas representações presentes em cada área do primeiro pavimento do cemitério de Santo Antônio, ES.

A Figura 2 representa a imagem espacial do cemitério de Santo Antônio e suas demarcações em lados públicos e privados. Lado A, B, C sendo público e D, E e F privados.

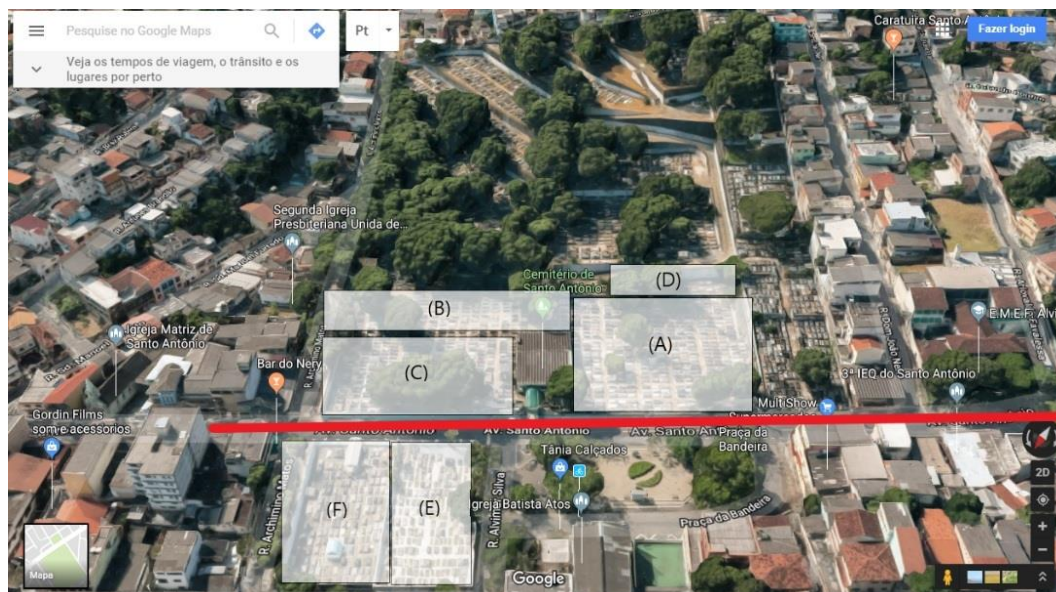


Figura 2. Google Maps com marcações dos autores. Fonte: Google Maps, 2021. Vista aérea do Cemitério de Santo Antônio. Vitória (ES). Com marcação das áreas A, B, C, D, E e F. Na parte inferior à direita, uma linha vermelha marca a Avenida Santo Antônio.

Esse mapeamento é o resultado de um registro de todas as esculturas do primeiro pavimento do cemitério, com o intuito de resgatar a memória e identificar suas características, conservação e manutenção das esculturas presentes no local. Borges destaca que, “diante do monumento funerário, podemos detectar seu significado artístico, religioso e moral; podemos tocá-lo, sentir sua textura, verificar o brilho dos cristais do mármore, reconhecer sua forma, sua função e, sobretudo emocionarmos” (Borges, 2004, p. 7). Essa carga simbólica está presente em cada detalhe de sua superfície material e nos ritos dessa passagem, realizados após a morte da criança, diminuindo a dor dos vivos e honrando a memória dos entes queridos, demonstrando afeto, admiração e eternizando a pureza através de símbolos e significados, pelas imagens de anjos ou a materialização da própria criança:

Por mais incrível e funesto que possa parecer, é bastante comum encontrar junto aos túmulos fotografias das crianças mortas. Geralmente elas mostram a criança deitada no caixão, de corpo inteiro, muitas vezes com as mãos entrelaçadas. Poderíamos lançar várias interpretações a respeito, mas acreditamos que trata-se de uma questão prática: a maioria destes túmulos são de recém nascidos, que provavelmente ainda não tinham sido fotografados sequer uma única vez. Assim, a solução para ilustrar o túmulo é retratar a criança depois de morta (Bellomo, 2008, pág. 84).



Figura 3. Imagem de túmulos egípcios infantis (Revista Planeta, 2022, p. 1). As múmias eram de crianças com idade entre 1 e 14 anos quando vieram a falecer. Fotografia de dois sarcófagos pequenos, um ao lado do outro, protegidos por redomas de vidro grosso. Sobre cada sarcófago, em sua superfície na altura das cabeças, há a pintura do rosto da pessoa mumificada.

Em diferentes culturas ao redor do mundo, a morte infantil é retratada de formas distintas, refletindo valores e tradições de uma determinada sociedade. No antigo Egito, “algumas tumbas foram consideradas infantis simplesmente por conter pequenos objetos encarados e classificados como brinquedos. Muitos desses ‘brinquedos’ hoje são entendidos como oferendas rituais” (Hinson, 2018, p. 12). Na Figura 3, estão retratados os túmulos de duas crianças que apresentaram sinais de lesões de pele e infecção. “Todas datavam da última fase da civilização faraônica egípcia,

sobretudo do Período Ptolomaico (332 a 30 a.C.) e do Período Romano (30 a.C. a 395 d.C.)”, época em que potências estrangeiras ocuparam o Egito” (Revista Planeta, 2022, p. 1).

A mortalidade infantil provavelmente era elevada nas sociedades antigas, e o grande número de sepultamentos infantis no Egito Antigo demonstra que essa questão era de fato uma preocupação. “Precauções eram tomadas para garantir um parto seguro, como períodos de descanso e purificação após o nascimento e o uso de varinhas apotropaicas, invocando as divindades Taweret e Bes” (Graves-Brown, 2010, pp. 61-62).

Na Inglaterra, na era Vitoriana, era comum “enterrarem-se as crianças em caixões brancos acompanhados por meninas vestidas na mesma cor” (Vailati, 2012, p. 271). De acordo com os viajantes do século XIX e folcloristas do século XX: “as participações de crianças nas procissões e na encomenda das almas de falecidos adultos –, algumas prerrogativas especiais à criança, como intermediadoras entre os homens e as autoridades celestes, em particular nas questões que tocam à morte” (Vailati, 2012, p. 271). Em “A morte pede passagem: ressuscitando lembranças dos ritos fúnebres em russas – CE (1930-1962)”, Ana Cláudia Anibal Ribeiro identifica a semelhança dos rituais com vestes brancas, porém com outro fundamento. A partir da Figura 4, é visto que os anjinhos geralmente eram amortalhados com vestidos brancos, simbolizando a pureza, a ausência de pecado e a assexualidade. “Por isso, indistintamente, meninas e meninos eram amortalhados, usando vestido branco” (Ribeiro, 2013, p. 55). Ainda na Figura 4, é possível ver que, no ritual, as crianças permaneciam com os olhos abertos e um adorno em sua cabeça, uma espécie de coroa ou resplendor, “a própria associação com os santos e anjos barrocos, o resplendor era a expressão da aureola. Para os familiares do bebê recém-morto, a fotografia funcionaria como prova de que a criança partiu preparada para sua longa viagem em direção ao paraíso” (Ribeiro, 2013, p. 56).



Figura 4 - Anjinho no momento do seu velório (Estácio, 1986, p. 55). A imagem acima retrata uma criança sendo preparada para os costumes da fotografia fúnebre. Vê-se um pequeno caixão azul-claro sobre uma mesa de baixa de tampo azul-escuro e pés de metal. Entre o tampo da mesa e a base do caixão, há flores rosas, assim com o no interior do caixão, em torno corpo da criança.

De acordo com o National Geographic, a civilização Maia também praticava rituais com crianças entre 3 e 6 anos de idade, porém, “parece que os Maias praticavam o sacrifício humano principalmente nos últimos estágios de sua civilização, para pedir favores aos seus deuses, como para pela fertilidade de suas colheitas, pela chuva ou pela vitória na guerra” (National Geographic, 2024, p. 1). Essa descoberta foi feita no ano de 1967, por arqueólogos que encontraram um esconderijo de ossos, semelhante a uma cova coletiva, em uma cisterna subterrânea, em Chichén Itzá. De acordo com a matéria, a maior parte das ossadas estava datada e sepultada antes dos anos 900. Isso nos faz refletir sobre como a morte foi vista e praticada de diversas maneiras, e que cada época, religião e nacionalidade trazem sua cultura, costumes e crenças acerca do fim da vida.

No Brasil, um grupo indígena chamado Mebengokré-Xikrin, do norte do país, realiza rituais que envolvem uma série de cuidados do corpo e o espírito da criança. “(...) a criança de colo, sobretudo, não vai para o mundo dos mortos sozinha: ela deve sempre ser buscada por um

parente” (Cohn, 2010, p. 111). Ou seja, no mundo dos mortos, ela recebe cuidados e orientação enquanto cresce. O velório é marcado por certos cuidados na ornamentação corporal, utiliza-se pintura corporal com cores, cheiros e diferentes técnicas de aplicação e “é tratado como a um corpo de um morto, que, mesmo que tenha um ciclo de vida a ser realizado no mundo dos mortos, para os vivos, e desse ponto de vista, não tem idade” (Cohn, 2010, p. 112).

Em contrapartida, os Yanomani, um grupo indígena que reside na fronteira entre Brasil e Venezuela, na floresta amazônica, possui o costume de cremar os corpos das crianças e inserir as cinzas em recipientes próprios, dividindo entre parentes e membros da comunidade local. Esta cerimônia poderia durar vários dias e se repetir por anos “até que toda a cinza seja consumida no mingau de banana ou noutro alimento líquido, que era servido no final de cada festa, antes da distribuição da carne moqueada, fruto de caçada coletiva realizada antes do cerimonial” (Smiljanic, 2002, p. 146). Essa prática é realizada como “um importante fator de agregação dos diferentes grupos aliados, sendo um motivo importante para a visita de pessoas de uma localidade a outra” (Smiljanic, 2002, p. 147). Assim, “essa troca predatória de atributos corporais é expressa através de uma teoria etiológica que atribui, de forma gradativa, poderes maléficos às demais comunidades, de acordo com a distância social e geográfica em que se encontram” (Smiljanic, 2002, p. 147). Em 1960, um grupo de ação missionária salesiana tentou introduzir a primeira tentativa de extinção a prática do consumo de restos mortais para o enterro tradicional cristão, mas com resistência o povo reagiu desenterrando os corpos. Mais tarde, com sucesso, se tornou um hábito o enterro dos corpos das crianças e jovens próximos às aldeias. Portanto, em diferentes culturas indígenas, podemos observar práticas e rituais em busca do poder, força e auxílio espiritual.

No Brasil, logo após a proibição dos enterros nas igrejas, no século XIX, foram construídos os cemitérios extramuros. A partir de então, surgiram os cemitérios tradicionais, com esculturas religiosas ou pagãs, sendo um

costume cristão manter o corpo sob guarda na terra de forma individual ou coletiva, sempre mantendo separações entre os corpos, de forma a garantir a identificação de cada indivíduo. Na visão do cristianismo, a morte infantil nos cemitérios tradicionais é frequentemente representada por esculturas de anjinhos, que refletem a pureza e a inocência da criança, além de transmitir a ideia de que ela está sob proteção divina após a sua morte.

Nas igrejas, os anjos são retratados como uma ligação dos seres humanos com o divino. Essa representação foi transferida para os cemitérios a céu aberto, como modo de transmitir o mesmo significado e torná-los campos santos. Nessa jornada em direção ao campo de sepultamentos, Cunha (2011, p. 75) salienta que a santidade era atribuída aos campos santos, como eram denominados os cemitérios localizados nas proximidades dos templos católicos em solo brasileiro, transmitindo seu significado através de elementos simbólicos.



Figura 5 - Anjo mãos postas e Anjo da Saudade. Cemitério de Vila Boa de Goiás - GO. 2005. Fonte: Mendes, 2005, p. 75. Escultura de anjo vista de frente, com alto contraste, com representação de uma figura infantil de mãos juntas diante do corpo e cabeça baixa, em oração. O rosto da escultura se perde nas sombras. Figura 6. Cemitério do Campo Santo. Salvador-BA. A. P. 2006. Fonte: Mendes, 2007, p. 75. Imagem de escultura de anjo em gesso branco, vista de lado, olhando para baixo, com um buquê de flores na mão esquerda e a asa esquerda exposta.

Nas Figuras 5 e 6, é possível observar a falta de gênero dos anjos e a exibição de atributos físicos pagãos, apesar de esboçarem profundo sentimento religioso cristão, sendo em sua grande maioria classificadas como esculturas clássicas, neoclássicas ou neobarrocas. “A iconografia dos anjos é uma das mais ricas na Arte Funerária. Suas representações são dependentes do período em que estão inseridos, das influências e mentalidades” (Mendes, 2007, p.42).



Figuras 7 e 8. Anjos neobarrocos e efeito de movimento nas figuras. A.P. 2006. Fonte: Mendes, 2007, p. 238. A mesma escultura vista de dois ângulos diferentes, com dois anjos infantis com asas expostas. Um deles ocupa a parte superior da escultura, com as pernas dobradas, os braços estendidos e o rosto voltado para baixo, onde encontra-se o segundo anjo, com uma mão próxima ao corpo e a outra estendida para tocar a mão do primeiro anjo. Ambos olham em direção um ao outro.

Esse túmulo em Salvador, no cemitério do Campo Santo, apresenta uma escultura com dois anjinhos sem sexo (Figuras 7 e 8), quase que completamente despidos. Em sua composição, a escultura traz movimento, leveza, significados e ritmo. “(...) há anjos que apresentam com aspecto de crianças, sem pecado e, assexuados” (Mendes, 2007, p.75).

Os anjinhos eram qualquer criança que morresse até cerca de sete anos, idade máxima concedida aos não

pecadores [...]. Por eles não se devia chorar para não molhar as asas do anjo que vinha recolher o anjinho. O normal era que se considerasse positiva a ida de mais um anjo para o céu para proteger os que aqui na terra permanecessem, ou para recebê-los no portal dos céus [...] (Borges apud Gawryszewski, 2012, p. 8).



Figuras 9 e 10. Acervo pessoal dos autores. Anjinhos em túmulos de crianças no cemitério de Santo Antônio, ES. Na primeira imagem, escultura branca vista de frente, com o anjo em representação de voo, com os dois braços juntos ao lado direito do seu corpo e as pernas semidobradas, inclinadas para trás. A escultura é sustentada por um pedestal branco. Na segunda imagem: escultura maior, com dois anjos entrelaçados e sobre um pedestal verticalizado.

As esculturas do cemitério de Santo Antônio (Figuras 9 e 10), no Espírito Santo, são semelhantes as esculturas de Salvador, no cemitério do Campo Santo, e dialogam entre si na representatividade. Bellomo comenta que o anjinho “é quase sempre representado com um ar tranquilo, sereno, pacífico, ingênuo” (Steyer, 2000, p. 83). Os anjinhos são representados, em sua grande maioria, com mãos singelos, segurando ramalhetes de folhas e flores e guirlandas. Desde a antiguidade romana, o ramo era visto como um símbolo de triunfo e vitória. Contemporaneamente, ele remete a passagem da Bíblia que relata a entrada de Cristo em Jerusalém. Nessa passagem, seus seguidores esperavam-no com as folhas de palma (João, 12:13). De acordo com Dalmáz (2008, p. 104), as flores podem identificar diferentes tipos de

simbolismos. No geral, as flores indicam a saudade, rosas vermelhas podem representar o sangue de cristo, associadas ao renascimento místico. O que nos traz um fato interessante, visto no cemitério de Santo Antônio, em relação aos rituais, com oferendas ou pedidos e promessas deixadas por familiares, amigos ou a população no geral, com o intuito do resgate e acesso a estas oferendas, ou promessas a partir do outro plano existencial, o que torna o túmulo uma representação de um portal entre os mundos. Tais práticas nos remetem às origens de pequenas semelhanças de tempo e espaço cultural mencionadas neste texto.

Também encontramos a estatuária infantil (Figuras 11 e 12) representando a imagem da própria criança que veio a falecer em tenra idade, pois, “parece ser mais adequado interpretar como a negação da morte terrena, principalmente se forem levados em conta os sentimentos dos familiares” (Bellomo, 2008, p. 84). A memória e a lembrança da criança tão prematura continuam vivas com os membros da família e, a fim de negar a extinção da matéria e o adeus de forma tão abrupta, eternizam a sua presença através de um memorial material. Podemos observar, nas imagens das crianças e dos anjos, no cemitério de Santo Antônio, uma espécie de podium que é colocado como base em sua estrutura. “As esculturas, muitas vezes, colocadas em um pódio, dão a sensação de elevação e são visualizadas pelo espectador como se estivessem em um palco. Consegue-se assim o máximo de impacto” (Bellomo, 2008, p. 42). Além disso, a Figura 11 nos

revela uma jovem menina com cabelos bem característicos, encaracolados como de anjos, soltos e com a franja que reforça a sua tenra idade. A “Garotinha em pé” nos mostra a sensação de movimento em suas pernas e vestes, como se estivesse caminhando e chamando por alguém, diferentemente do imaginário dos anjos que parecem encerrar-se em si mesmos. Novamente na mão esquerda é visto a flor, simbolizando a beleza e a nobreza, mas também como as rosas entre suas pernas não estão totalmente abertas, pode-se supor que façam referência a um falecimento prematuro (Rodrigues, 2021, p. 79).



Figuras 11 e 12. Acervo pessoal dos autores. Representação escultórica de crianças no cemitério de Santo Antônio, ES. A primeira imagem mostra uma escultura de criança com cabelos longos e vestido, caminhando com os braços estendidos. A segunda mostra um menino de cabelos curtos e manta longa, olhando para baixo e apoiado no pedestal de pedra.

Para Gawryszewski (2016), as esculturas exclusivas para crianças mantiveram-se por um longo período, ampliando também para o jazigo familiar. Porém, até os dias atuais, é possível encontrar sepulturas reservadas apenas para a criança. Diante da escultura infantil (Figura 11), a população que visita o local, familiares, amigos ou pessoas que praticam suas crenças, rituais ou promessas, colocam pertences da criança falecida, balas, doces, refrigerante, escovas de cabelo entre outros objetos. Assim, é notório a prática constante no cemitério de Santo Antônio, e a cada visita no local, podemos constatar novos objetos deixados em cima dos túmulos, principalmente das crianças. Segundo Thompson (2014), mesmo que a arte contemporânea, em determinados momentos, rejeite a ideia da morte de maneira abrupta, muitas pessoas têm a necessidade de preservar a memória do ente querido, seja por esculturas ou objetos deixados no local.

Embora essas oferendas não sejam parte integrante da arte cemiterial, constituem-se como parte da cultura imaterial, dialogam e parecem falar de um sincretismo comum na cultura brasileira. São pertences como citados acima que, de acordo com as crenças e diferentes culturas

ritualísticas, podem ser acessados em outro plano existencial, tornando um portal entre os mundos.



Figuras 13 e 14. Acervo pessoal dos autores. Parque da paz em Ponta da Fruta, ES. As imagens mostram dois ângulos diferentes de um gramado com lápides horizontais quadradas afixadas ao chão, com árvores ao fundo. Na segunda imagem, ao centro, há um objeto colorido, similar a um catavento com três hélices, afixado ao lado de uma das lápides.

Atualmente, como visto nas Figuras 13 e 14, em busca da política de embelezamento e do controle do espaço, os cemitérios do tipo parque ou jardins estão tomando espaço na arte cemiterial. Assim, a arte perde um importante local de produção memorial representada a partir de personagens bíblicos ou pagãos, que contam a sua história, que nos emocionam, nos fazem sentir sua textura e que não são meramente esquecidos no tempo. A produção escultórica nos cemitérios traz a cultura e os costumes de uma sociedade. Na Figura 14, podemos observar um túmulo no cemitério Parque da Paz, com um objeto semelhante a um catavento. No local, percebemos que, com a força do vento, o objeto se movia. Em resumo: trata-se de um sapinho conduzindo uma bicicleta. É um ornamento utilizado em túmulos infantis ou de adultos, assim como flores, objetos pessoais ou diferentes ornamentos.

Conclusão

A representação da morte na infância nos traz inúmeras interpretações a cerca da memória, modos de sepultamentos, simbolismos, crenças, rituais, desde o início dos tempos até modernidade e o século XXI.

Nesse contexto, foi registrado, através de fontes primárias e bibliográficas, documental e no trabalho de campo, a coleta de dados sobre a arte cemiterial no Brasil e no mundo, até a chegada do objeto desta pesquisa. O cemitério de Santo Antônio é um verdadeiro museu a céu aberto, e é possível detectar a arte material e imaterial presentes em seus seis pavimentos. Porém, como mencionado no texto, nos limitamos a análise de campo do 1º pavimento e a identificação das características, costumes, signos e representações na arte cemiterial infantil.

Ao longo do tempo, cada povo, país e religião sentiu a necessidade na realização do ritual infantil e um meio de eternizar o espírito ou a memória da criança. Nesses rituais, é possível observar a ordem econômica, política e cultural de uma determinada sociedade.

Nesta investigação, foi necessário o olhar técnico e sensível para a compreensão dos espaços de sepultamento, nos trazendo a reflexão que a vida e a morte são estágios que se completam, formando um elo entre o efêmero e o eterno, representando a dor da perda e a tentativa de preservar a memória da criança em meio ao simbólico.

Referências

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Libros tecnicos e científicos editora, 1981.

BELLOMO, Harry Rodrigues; CARDOSO, Airton André Gandon. **Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia**. EdIPUCRS, 2008.

BÍBLIA SAGRADA. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BORGES, Maria Elizia. A estatuária funerária no Brasil: representação iconográfica da morte burguesa. São Luís. **VII Abanne: G't Antropologia da Emoção**, Edições do GREM, 8, 2004, CD-Room.

BORGES, Deborah Rodrigues. **Registros de memória em imagens**: usos e funções da fotografia mortuária em contexto familiar na cidade de Bela Vista de Goiás (1920-1960). Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) – Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

COHN, Clarice. A criança, a morte e os mortos: o caso mebengokré-xikrin. **Horizontes Antropológicos**, v. 16, p. 93-115, 2010.

CUNHA, G. P. da. A simbologia mortuária pomerana: simbolismos e significados dos elementos componentes dos cemitérios pomeranos na região de Santa Maria de Jetibá. **Ciências da Religião**: história e sociedade, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 75, 2011.

DALMÁZ, Mateus. Símbolos e seus Significados na Arte Funerária Cristã do Rio Grande do Sul. In: BELLOMO, Harry R. (org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul**: arte, sociedade, ideologia. Porto Alegre: EDIPUCS, 2000.

ESTÁCIO, Elizabeth. **Arquivo Pessoal de Elizabeth Estácio**, 53 anos, funcionária da Empresa Dakota Calçados e residente na zona urbana do município de Russas. Fotografia datada do ano de 1986. Disponível em: <https://www.uece.br/ppsacwp/wp-content/uploads/sites/94/2021/11/Disserta%C3%A7%C3%A3o-ANA-CL%C3%81UDIA-ANIBAL-RIBEIRO.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2024.

GAWRYSZEWSKI, Alberto. A representação da morte infantil nas imagens cemiteriais no estado do Paraná (Século XX). In: Seminário internacional história e historiografia, 3.; Seminário de pesquisa do departamento de história da UFC, 10., 1-3 out. 2012, Fortaleza (Ce). **Anais...** Fortaleza (Ce): Expressão Gráfica; Wave Media, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/42837>. Acesso em: 05 dez. 2024.

GOULDING, E.. **What did the poor take with them?: an investigation into ancient egyptian eighteenth and nineteenth dynasty grave assemblages of the non-elite from Qau, Badari, Matmar and Gurob**. London: Golden House Publications. Graves-Brown, C.. *Dancing for Hathor. Woman in Ancient Egypt*. London: A&C Black, 2013.

GOOGLE MAPAS, vista aérea do cemitério de Santo Antônio, ES. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/tecbLxNNkS3Ln5H79>. Acesso em: 11 mar. 2021.

HINSON, Benjamin Samuel Paul. Children and materiality in Ancient Egypt. In: LEMOS, R., VELLOZA, C.; MAYNART, E. (org.). **Perspectives on materiality in ancient Egypt** – agency, cultural reproduction and change, Oxford: Archaeopress, 2018.

MENDES, Cibele de Mattos. **Práticas e representações artísticas cemiteriais do Convento de São Francisco e Venerável Ordem Terceira**

do Carmo: Salvador século XIX (1850-1920). Dissertação (mestrado). Orientador: Prof^a. Dr^a. Maria Hermínia Oliveira Hernández. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. 2007. Disponível em: http://www.ppgav.eba.ufba.br/sites/ppgav.eba.ufba.br/files/cibele_de_mattos_mendes.pdf. Acesso em: 11 mar. 2024.

METCALFE, Tom. Como os maias escolhiam as vítimas de sacrifício? Novas pistas foram descobertas graças ao DNA. **National Geographic**. 25 jun. 2024. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2024/06/como-os-maias-escolhiam-as-vitimas-de-sacrificio-novas-pistas-foram-descobertas-gracas-ao-dna>. Acesso em: 11 out. 2024.

RIBEIRO, Ana Cláudia Anibal. **A morte pede passagem:** ressuscitando lembranças dos ritos fúnebres em russas – ce (1930-1962). 155 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em História), Universidade Estadual do Ceará, 2013.

RODRIGUES, Isis Santana. **A morte em monumentos:** uma reflexão sobre a Arte Cemiterial em Vitória/Espírito Santo. 419 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Arte) – Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021.

SMILJANIC, Maria Inês. Os enviados de Dom Bosco entre os Masiripiwëiteri. O impacto missionário sobre o sistema social e cultural dos Yanomami ocidentais (Amazonas, Brasil). **Journal de la Société des Américanistes**, v. 88, n. 88, p. 137-158, 2002.

STEYER, Fábio Augusto. Representações e manifestações antropológicas da morte em alguns cemitérios do Rio Grande do Sul. p.61-96. In: BELLOMO, Harry Rodrigues. **Cemitérios do Rio Grande do Sul:** arte, sociedade, ideologia. OMO, Harry Rodrigues (org.). 2. ed. Porto Alegre: EDPRCRS, 2000.

THOMPSON, B. **Memória e exaltação da vida no cemitério monumental.** Revista Sociais e Humanas, Santa Maria. v.27. n.03. p.102, 2014.

TOMOGRAFIA de múmia de criança egípcia revela curativo e ferida com pus. Ed. Três. **Revista Planeta**, Istoé Publicações, 12 jan. 2022. Disponível em: <https://revistaplaneta.com.br/tomografia-de-mumia-de-crianca-egipcia-revela-curativo-e-ferida-com-pus>. Acesso em: 11 mar. 2024.

UNESCO. **Colloque international “Quel destin pour l’Art Public?”.** Centre du patrimoine mondial de l’UNESCO e Communauté de Cergy-Pontoise, 19 e 20 de Maio 2011 (tradução dos autores). Disponível em: <http://whc.unesco.org/fr/actualites/746/>. Acesso em: 11 mar. 2024.

VAILATI, Luiz Lima. Representações da morte infantil durante o século XIX no Rio de Janeiro e na Inglaterra: um esboço comparativo preliminar. **Revista de História**, n. 167, p. 261-294, 2012.

Recebido em: 20 de outubro de 2024.

Publicado em: 30 de dezembro de 2024.